

A IMPORTÂNCIA DA IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARTINS, Jakeline de Mattos - Licenciando em
Pedagogia no Centro Universitário Internacional
Uninter

CLARO, Genoveva – Professora Orientadora

Resumo:

Este trabalho aborda a importância da igualdade de gênero na educação infantil com tal problemática em como promover a igualdade de gênero no contexto escolar, sendo um espaço que deve ser democrático, seguro e igualitário, evitando a discriminação e a exclusão, criando atividades que contemplem ambos os sexos, quebrando paradigmas sexistas e com uma educação que seja justa e de qualidade para todos? Essa pesquisa tem por objetivo esclarecer os estudos e desafios para a importância de promover a igualdade de gênero dentro das salas de aulas, tendo o educador como mediador nessa jornada, sendo fundada em pesquisas e estudos que dizem a respeito sobre a importância de se promover a equidade. Essa hesitação se justifica com uma educação igualitária com o papel do educador em ultrapassar barreiras para que seja feita essa construção desde a primeira infância. O objetivo central trabalho é analisar em como promover a igualdade de gênero dentro das salas da educação infantil. Para isso, este estudo tem como base e única metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa. Essa intenta tarefa será fundamentada mediante da revisão bibliográfica qualitativa/estado da arte. O estudo evidenciou que o educador deve estar sempre atento as mudanças constantes, evitando reproduzir falas sexistas, procurando sempre ensinar a importância da equidade entre ambos os sexos, não distinguindo ou oprimindo, criando um ambiente que englobem a todos.

Palavras-chave: Gênero.Equidade.Educador.Infância.

1. Introdução

Como promover a igualdade de gênero no contexto escolar, sendo um espaço que deve ser democrático, seguro e igualitário?

Essa pesquisa tem por objetivo esclarecer em como é necessário evitar a discriminação e a separação de gêneros, criando situações que contemplem a todos, impedindo paradigmas sexistas, produzindo assim uma educação que seja justa e de qualidade para todos, promovendo a igualdade dentro das salas da educação infantil, pois é necessário que o educador analise e procure compreender a falta dessa equidade,

entender e implantar atitudes que promovam essa equivalência e como construir uma educação de qualidade para ambos os sexos.

“Rosa para meninas, azul para meninos” “futebol para meninos, bonecas para meninas” “brincar de casinha para meninas, brincar de carrinho para meninos” separações como essa envolvem todo o espaço escolar, que também – ainda que tratados de maneira “normal” - acabam transmitindo e reproduzindo sutilmente, métodos que indagam pensamentos e atitudes que se tornam sexistas, através das relações em sociedade que nela se estabelecem, que pela transmissão formal de conteúdos curriculares, materiais didáticos e falas, que fortalecem uma ideologia e separação de gênero. Atitudes como essas ecoam por toda uma trajetória educacional, onde durante muito tempo foi utilizado de argumentos sexistas para que a separação entre gêneros ocorresse, indagando que meninas possuíam menos capacidade intelectual do que meninos, colocando-as em papéis domésticos, fazendo assim que essa divisão acontecesse por milhares de anos.

A escola, tem o papel de formar e preparar pessoas para a sociedade, onde se caracteriza como um espaço que busca constantemente a autonomia, criando uma equidade entre todos, oferecendo contribuições desde a primeira infância. Nessa esfera temos a figura do professor, a quem é outorgado a tarefa de educar e formar para a vida, sendo o principal responsável de propor condições e alternativas que tenham como objetivo a busca pela isonomia de gêneros dentro do espaço escolar, criando situações que possibilitem que essa condição venha ser reproduzida de maneira justa, onde possa acolher a cada estudante que passe por sua sala de aula, criando um ambiente justo, acolhedor e com formação de identidades discentes.

É hora de se repensar nessas situações, pois uma educação que é pensada em todos, é um dever social, que visa pensar no lado humanitário, capaz de ser inclusa na vida de cada criança e marcada por toda sua trajetória. A colaboração do educador é fundamental na vida de cada estudante que passa por sua sala de aula, para que esse espaço seja de respeito, segurança e igualitário, evitando a discriminação e a exclusão, possibilitando que cada criança possa construir sua identidade, que futuramente irão influenciar em suas relações com a coletividade social.

Meninos e meninas são capazes de escolher o que irão ser futuramente, e até mesmo ter autonomia no presente, escolhendo suas profissões, as cores que desejam usar,

os brinquedos que pretendem brincar, ou qualquer ocasião que apareça em seu caminho, e por isso é fundamental que o professor seja um ser consciente e responsável por criar essas situações de respeito e acolhimento dentro de sua sala de aula, mostrando que cada criança tem a capacidade de construir sua identidade, independente de cores, objetos, ou situações que a sociedade acaba impondo por centenas de anos.

O docente juntamente com a escola, é responsável por instruir cada aluno que passa pela sua trajetória, mostrando que cada um é capaz de realizar o que desejar, sendo um ser humano digno de realizar seus sonhos, viver em comunidade e também apto a mudar o ambiente em que está inserido, tendo sua identidade respeitada e respeitando o próximo.

Este estudo tem como base a metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa, sendo inicialmente realizada uma revisão bibliográfica de conceitos que sejam importantes para a compreensão da implementação da equidade de gênero dentro das salas de aula no ambiente escolar; em seguida dispor de foco em como promover essa equidade, com atitudes e ensinamentos, criando identidade e aceitação, para que não promova a discriminação, tendo uma realidade verbalizada.

Este trabalho está organizado na forma de trazer novos olhares para dentro da sala de aula, com o tema, problematização, justificativa, metodologias bibliográficas, objetivos gerais e específico, considerações finais e referências.

2. Metodologia

A base desse estudo vem a ser a metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa, sendo inicialmente realizada uma leitura minuciosa sobre bibliografias de conceitos que são importantes para a compreensão da implementação da equidade de gênero dentro das salas de aula no ambiente escolar; em seguida dispor de foco em como promover essa equidade, com atitudes, atividades e ensinamentos – do modo da fala -, criando identidade, segurança e aceitação, para que não promova a discriminação, tendo uma realidade verbalizada.

Com palavras chaves como “igualdade de gênero” a importância da implementação da igualdade na sala de aula” “o papel do educador na equidade” “relações de gênero dentro do ambiente escolar. Com leitura em destaque no livro “Para Educar Crianças Feministas – Chimamanda Ngozi Adichie”. Focando nas datas

de publicação a partir do ano de 2015 até a atualidade, por artigos publicados e trabalhos no repositório de outras universidades. A revisão bibliográfica qualitativa será feita mediante leitura sistemática sendo por meio de ferramentas de pesquisa científica confiável, sendo elas: Caderno Intersaberes (UNINTER), Google Acadêmico, Depositório PUC-PR, CAPES Depositório UFPR, SciELO, Science.gov, Artigos de autores como: Paulo Freire, Arroyo, Louro, Alves, Chimamanda Ngozi e *Repositório Institucional (RI)* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

3. Revisão bibliográfica

3.1 – Conhecendo a igualdade de gênero

O movimento de equidade de gênero surgiu em meados do séc XX, impulsionado pela causa feminista, onde a luta é para que homens e mulheres sejam livres em suas escolhas, possuindo a mesma responsabilidade, oportunidades e direitos. O assunto foi colocado em pauta e se intensificou na pauta da RIO+20, onde os países que são membros da ONU (Organização das Nações Unidas) que estabeleceu objetivos de Desenvolvimento Sustentável, onde determinam a serem alcançados até o ano de 2030. “Uma sociedade inclusiva é uma sociedade onde todos partilham plenamente da condição de cidadania e a todos são oferecidas oportunidades de participação social” (In: “Educação Inclusiva, da Retórica à Prática”, DGIDC, 2009).. Sendo assim é um direito assegurado que ocorra a equidade entre gêneros em qualquer ambiente, então ele se faz ainda mais oportuno dentro dos muros escolares, principalmente dentro das salas de aula.

3.2 – A igualdade de gênero dentro do ambiente escolar.

Quando se recebe as crianças na porta das salas de aula, já notasse que cada uma traz de casa suas respectivas culturas, tais como as concepções de gêneros, implantadas desde o seu nascimento, tendo a família que exerce um papel fundamental na construção de gênero e identidade da criança, pois é o primeiro contato e também um dos principais agentes sociais ao longo da infância.

Sendo assim, dentro desse contexto que a criança começa, desde muito cedo, a reproduzir e criar ideias que são estereotipadas, descendentes do meio em que está inserida, sendo muito importante a atitude e demonstração da igualdade de gênero que os familiares mais próximos assumem mediante a vida dessa criança, descrevendo como seu

comportamento deve ser, com o que se deve brincar, usar, e até mesmo – de forma involuntária – no que pensar, reproduzindo o que a centenas de anos vem sendo imposto por uma sociedade patriarcal, onde as mulheres foram anuladas por séculos, tendo sua inteligência intelectual desvalorizada, e força braçal dos homens sendo enaltecida, como se fosse a única coisa que importasse dentro de uma comunidade. A escola é o lugar ideal para se ensinar sobre a equidade, aqui não cabe a palavra “desconstruir” por motivos de que ninguém precisa se desfazer de seus conhecimentos ou cultura para que a igualdade venha acontecer, e a escola está para ensinar, assim como um pássaro para voar.

Nas considerações de Paulo Freire:

“Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos” . (1991, p. 126)

As mudanças são necessárias de forma em que as crianças estejam confortáveis para criar sua própria identidade, criando seus sonhos e suas vontades, independente de cores ou brinquedos. De acordo com a LDB/9394 (1996), a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, sendo assim, essa igualdade deve ter início nos primeiros momentos dos educandos em ambiente escolar, pois é um espaço onde é capaz de se reinventar e se reconstruir. Então o professor vem com o papel de anular os estereótipos que rodeiam as salas de aulas durante anos, criando novas estratégias que possam contemplar a todos de maneira respeitosa e segura. “Os estereótipos são uma maneira de “biologizar” as características de um grupo, isto é, considerá-las como fruto exclusivo da biologia, da anatomia.” (GDE, 2009).

Por essa razão podemos ter a consciência que meninos não são obrigados a somente brincar de carrinho e meninas de bonecas, existem inúmeras possibilidades que rodeiam seu ambiente, capazes de darem fruto as suas imaginações, e cabe ao docente em conduzir de forma segura e consciente que cada aluno em sua sala de aula é um ser humano individual, capaz de realizar o que sonharem para suas vidas. Como afirma Giroux (1995, p.49) . “A cultura infantil na atualidade se configura como (...) uma esfera onde o entretenimento, a defesa de ideias políticas e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança” ou seja, é primordial se viver na prática, enxergando a educação infantil como um momento oportuno para se dar o ponta pé inicial

nessa valorização de todos os estudantes, obter conhecimento é extremamente significativo nessa fase para se alcançar o desenvolvimento cognitivo, formando valores que irão permear por toda sua trajetória acadêmica e pessoal.

Desde o primeiro momento em que a criança tem contato com a escola, cabe a todos daquele ambiente, principalmente ao professor em mostrar que cada uma é única, que são capazes de realizarem seus maiores sonhos, que nenhuma cor pode defini-las e que nenhum brinquedo deve ser deixado de lado. “Se o estereótipo e o preconceito estão no campo das ideias, a discriminação está no campo da ação, ou seja, é uma atitude. É a atitude de discriminar, de negar oportunidades, de negar acesso, de negar humanidade.” (GDE, 2009). Deve-se educar para a rejeitar ideias primitivas de separação de gênero, evitando a propagação de preconceitos e a anulação de qualquer criança. Então é preciso incluir novas falas, atitudes e atividades, que sejam capazes de contemplar a todos de uma única vez, que não haja separação de grupos por seus sexos biológicos.

De acordo com Chimamanda:

“Ensine (...) que “papéis de gênero” são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina” “porque você é menino” nunca é razão para nada. Jamais” (2017 p.21)

Ou seja, ser menina ou ser menino, não é razão para anular alguma vontade ou algum objetivo, é papel do educador em direcionar a cada estudante a perceber que são capazes de realizar as mesmas coisas, a desempenharem os mesmos papéis, criar momentos em sala de aula que transmitam que essa ideia é fundamental, a realização de atividades onde todos possam ser incluídos, passará confiança e isso trará inúmeros benefícios, capazes de marcar toda a história de vida de uma criança.

É fundamental que ocorra a discussão sobre os temas que rodeiam o espaço educacional, sendo assim, com base nos grandes estudos sobre as interações na educação infantil e suas fases do desenvolvimento, desde os seus primeiros anos de vida, realizadas nesse âmbito por Arroyo (1994) onde o mesmo nos mostra que a infância em si, está sempre em construção, constante mudança, que na antiguidade a criança não era um sujeito que possuía direitos. Louro (1997) nos traz que: “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e

dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO. 2011 p. 24).

É dever do professor estar sempre atento as mudanças que acontecem ao seu redor e as novas formas de aplicar suas atitudes em sala de aula, sempre se organizando para evitar falas que soam como sexistas, ensinando sobre como cada um que participa da sala de aula é particular e que todos podem interagir de forma igualitária. Para Alves (2008) o educador deve sempre manter o interesse para aprender novos desafios, orientando e estimulando seu aluno a ver o mundo com outros olhos, pensando fora de seus conhecimentos já enraizados, mas sem perder sua essência, mostrando novos caminhos a serem explorados, ensinando a igualdade e o respeito. “Nós não nos contentamos com o som dos pássaros, dos rios então temos Vivaldi, Milton Nascimento, Bach. Temos as cores das árvores e das flores, mas não nos contentamos. Queremos Picasso, Monet, (ALVES, 2008, p. 189).”

Com isso é fundamental que existam atitudes que contemplem a todos no ambiente escolar, demonstrando que existe um local igualitário e seguro, promover a equidade é parte de um processo educativo de valores sociais e socioculturais, por esse motivo se faz necessário incluir todos os elementos, para a construção de uma educação fundamentada e segura para cada criança que faça parte da sala escolar, promovendo momentos de confraternização igualitária. (...) “confirmam e/ou deleguem responsabilidades análogas aos meninos e às meninas, e se preocupem em corrigir os desequilíbrios existentes entre as hierarquias de gênero” (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1999: 17).

Falar e ensinar sobre a igualdade de gênero desde a primeira infância, não é nada fácil e é necessária ser reforçada todos os dias de maneira que não seja obrigatória e se torne chata, sendo um tema pouco discutido e até mesmo por muitas vezes esquecido. Mas na sociedade atual em que vivemos é necessário e urgente a aplicação de atitudes que contemplem a todas as crianças, deixando de lado as separações e distinções sexistas que rodeiam a sociedade por décadas. De acordo com Máximo-Esteves é necessário “planear com flexibilidade, agir, refletir, avaliar/validar e dialogar” (Máximo-Esteves. 2008:82) ou

seja, é necessário ter em mente que dialogar é um caminho seguro a se trilhar e bom o bastante para gerar a igualdade dentro da sala de aula.

No Caderno chamado por nome de “Criança, compromisso social” mostra uma proposta emancipatória para a primeira infância: “Educar crianças reforçando as semelhanças entre meninos e meninas significa formar cidadãos que cresçam sabendo que compartilham de um mesmo mundo, das mesmas tarefas e possibilidades” (Creche Urgente, 1987:14). No processo educativo, as brincadeiras infantis não são neutras. Quando se oferece às meninas, basicamente, a opção de brincarem com panelinhas, bonecas, fogões ou vassouras e aos meninos, aviões, bolas e correrias, estão sendo reforçados valores culturais que confinam as mulheres no plano doméstico e os homens no espaço externo. Expressões como “isto não são modos de meninas” ou “meninos não choram” são formas de reforçar conceitos de feminilidade e de masculinidade, valores culturais que acentuam, no homem, características de agressividade, independência, força e atividade; e na mulher, características de fragilidade, dependência docilidade e passividade.

Nesta construção cultural do masculino e do feminino, que começa já desde a primeira infância, retira-se do ser humano a sua dimensão integral, resultante do convívio dialético, na mesma pessoa, de todas estas características” (Creche Urgente, 1987:14). Pensando em propostas como essa, cabe ao professor se atualizar para criar momentos que tragam essa uniformidade dentro do ambiente escolar, mostrando que sua sala de aula é capaz de ser um espaço igualitário, onde todos são acolhidos e respeitados, independentemente de seus sexos biológicos, que todos devem cumprir as regras impostas em sala de aula, sem haver diferença e falta de respeito e segurança, criando uma atmosfera de apreço e educação, onde todos podem interagir com as atividades, sem separação em grupos por sexos denominados femininos ou masculinos.

Segundo Paulo Freire:

“Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. (...) A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional”. (1997 cap 3 p.45)

Ou seja, é necessário que o professor responsável se mantenha sempre à frente de suas atitudes, implantando generosidade para ensinar sobre a equidade que se deve reproduzir dentro de sua sala de aula, mantendo sua competência como profissional e

mantendo sua autoridade sem perder o carinho e a empatia por cada aluno que permeia o ambiente escolar.

Segundo Henri Wallon “a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente” (Wallon, 1959, p. 288).

Sendo assim a influência do docente na trajetória da criança irá perdurar por toda sua vida adulta, então se faz necessário que seja ensinado sobre a igualdade de gênero de uma forma que leve o discente a entender que faz parte de um todo, que pode ser integrado em uma sociedade igualitária, então, cabe ao professor de maneira humanitária inserir e conduzir a cada criança de maneira gentil em atividades que não as separem por sua biologia, criando um espaço de respeito por todos, seguro e acolhedor.

3.3 – Exemplos de atividades para igualdade de gênero.

PROFISSÕES DE TODOS	
Objetivo: Estimular o interesse por todas as profissões, trabalhando a igualdade dentro do campo profissional, sensibilizando para a contribuição das diferentes profissões no bom funcionamento social.	
Local: Sala de Aula	Duração: 2 Horas
Público-Alvo: Crianças de 4 a 5 anos e 11 meses	Número de Participantes: 20
Organização das atividades: Colocar as crianças em uma grande roda e colocar uma caixa tampada com vários objetos dentro, como: espanador, carrinho, pá, esponja, bola, boneco de astronauta, boneca, capacete de bombeiro, panelinhas etc. Pedir para que cada criança pegue um objeto da caixa e volte para seu lugar, depois iniciar uma discussão se aquele objeto é de uma profissão considerada de menino ou de menina, e ensinar que todos podem trabalhar com aquela profissão, mesmo que seja considerado de homem ou mulher, ensinar que todos podem ser o que desejarem. Mostrar imagens e vídeos que mostrem pessoas	Materiais Utilizados: Caixa de papelão, E.V.A colorido, brinquedos, data show, papel craft, tinta guache, giz de cera, canetinha, computador para reprodução de fotos e vídeos.

naqueles ofícios, como uma mulher bombeira, um homem cozinheiro. Pedir para que eles expressem o que pensam sobre as profissões, e explicar que não há trabalhos só para homens ou só pra mulheres. Finalizar com a confecção de um cartaz feito pelas crianças onde eles desenharam como se imaginam trabalhando e com o que, onde ficará exposto na sala de aula.	
Exemplos de perguntas norteadoras: Mulheres podem ser bombeiras? Homens podem ser cozinheiros? Mulheres podem jogar bola? Homens podem ser professores?	
<p>Fundamentação Teórica: BNCC - O EU, O OUTRO E O NÓS”</p> <p>(E103EO01). Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.</p> <p>(E103EO04). Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.</p> <p>(E103EO06). Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.</p>	

BRINCANDO DE FAZ DE CONTA	
Objetivo: Ensinar que podem existir heróis de ambos os sexos, onde todos podem desempenhar o mesmo papel, construindo uma história que todos participem com a mesma importância.	
Local: Sala de aula/Pátio da escola.	Duração: 5 aulas
Público-Alvo: Crianças de 4 a 6 anos	Número de Participantes: 20
Organização das atividades: Colocar as crianças em uma roda de conversa, e perguntar quais histórias de super-heróis eles conhecem, perguntar se o personagem principal é homem ou mulher, abrir a discussão, se poderíamos substituir esse super-herói pelo sexo oposto, e porquê, explicar que todos podem se encaixar dentro das histórias em quadrinhos, criando assim novos personagens, como a “mulher aranha” e o “homem maravilha”, distribuir papel e lápis colorido para que eles possam desenhar essa nova história e perguntar se eles gostariam de criar novos uniformes, novas cores, etc, para que esse “novo” super-herói existisse. Logo após a criação desses desenhos, iniciar a discussão	Materiais Utilizados: Papel Kraft, tinta guache, canetinha, giz de ceira, roupas trazidas de casa, o Livro “Todos fazemos tudo”, Histórias em quadrinho, folhas de A4.

explicando que todos podem ser heróis, independente se for menino ou menina, ensinar que todos podem ser o que desejarem, que nas histórias de faz de conta todos podem ser salvos e todos podem ser salvadores. Pedir para que as crianças tragam de casa roupas que eles consideram de super-heróis, para numa próxima aula ensaiarem um teatro. Na segunda aula, começaremos com a discussão sobre as roupas que eles trouxeram e que tipo de super-herói eles gostariam de ser. Criar uma história onde todos são amigos, convivendo numa comunidade de super-heróis, onde meninos e meninas trabalham juntos e “salvam o mundo”. Na terceira aula, iniciaremos desenhando essa história que foi criada, onde cada criança pode dar uma sugestão, usando tinta guache e papel Kraft, criando assim o cenário do nosso teatro, ensaiaremos logo depois, o trabalho conjunto deles “salvando” o mundo e fazendo tarefas como ir ao supermercado, pois todo super-herói precisa comer bem para ficar forte. Na quarta aula, irá ser questionado se eles estão gostando de todos poderem “salvar” o mundo e iremos voltar a questão se todos podem trabalhar com o que quiserem, se meninos podem ir ao supermercado, se as meninas podem usar roupas de super-herói, etc. Mostrar o livro: “TODOS FAZEMOS TUDO” da autora Madalena Matoso, que não se representam apenas homens e mulheres, mas pessoas de diferentes idades e origens, dando ao livro uma dimensão maior de Igualdade que não apenas a de gênero, mas que todos podem tudo, que o seu sexo não as define a realizar a tarefa y ou x. Na quinta e última aula, realizaremos o teatro no pátio da escola, enfeitando com os desenhos feitos pelas crianças e com eles usando as roupas que trouxeram de casa para serem suas roupas de super-heróis, chamando toda a escola, para assistir meninos e meninas juntos, salvando o mundo de coisas como: “lixo jogado nas ruas”

<p>“limpando os rios” etc, e depois de um dia de trabalho, podem ir ao supermercado para comprar legumes para que fiquem mais fortes, para salvar o mundo no outro dia.</p>	
<p>Exemplos de perguntas norteadoras: Meninas podem ser super-heroínas? Meninos e meninas podem “salvar” o mundo juntos? Meninos podem fazer compras no supermercado?</p>	
<p>Fundamentação Teórica: BNCC – “O EU, O OUTRO E O NÓS” (EI03EO01). Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir. (EI03EO04). Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos. (EI03EO06). Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.</p>	

4. Considerações Finais

Conclui-se, por tanto, que a Igualdade de gênero na educação infantil é de suma importância, para dar o devido prosseguimento ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ensino infantil, tendo uma preocupação e o devido olhar para a identidade que perpassa de cada criança, tendo a necessidade de desenvolver atividades com intencionalidade pedagógica e explicações que englobem a todos, sem a exclusão de nenhum estudante por seu sexo biológico, criando um espaço acolhedor, onde todos podem se sentir parte da sala de aula, e importantes o suficiente para serem protagonistas da sua própria história. Podendo ser o que desejam e que nada pode definir suas escolhas, nenhum brinquedo ou cor, podendo ser um ser humano completo, realizando seus sonhos e sendo acolhido no espaço que lhe é oferecido, criando confiança para se tornar um adulto que será capaz de trilhar seus caminhos com sua identidade sendo respeitadas por todos.

É relevante que cada criança que passe pela sala de aula seja valorizada por seus conhecimentos, culturas, e não somente por seu sexo biológico, que aprendam a respeitar o outro desde a primeira infância, tendo autoconfiança para realizar seus diversos sonhos. Então cabe ao professor (a) ensinar sobre a equidade de gêneros, criar um espaço regido de equivalência, abraçando a cada criança que passa por sua sala, ensinando o tamanho de sua relevância por toda história que carrega, prestigiando suas identidades, contemplando

cada sonho e formando cidadãos que carregaram essa importância da equidade para toda a sua vida.

Referências:

ADICHIE, N, Chimamanda – **Para educar crianças feministas - um manifesto**. Companhia das Letras – Primeira edição 2017

ALVES, Rubem. **O melhor de Rubem Alves/coordenação (org.) Samuel Ramos Lago**. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2008.

ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia; PEREIRA, E. Maria; RIBEIRO R. Claudia; RESENDE, L. MARIA; MOSTAFA, Maria – **GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA** Disponível em > https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf. Acesso em 14 nov. 2022

ARROYO, Miguel G., SILVA, Maurício Roberto da (organizadores) **Corpo – infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Disponível em > <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:IZ-3inc3cvoJ:https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/4273/2551+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 14 nov. 2022

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – **BNCC**. Disponível em > <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em 14 nov. 2022

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em > http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 14 nov. 2022.

BROCARD, Joana; PEREIRA, Filomena; LOURENÇO, Manuela - **Educação da retórica à prática Resultados do Plano de Acção 2005 – 2009**. Disponível em > https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/publ_educ_inclusiva_resultados_2009_2010.pdf. Acesso em: 14 nov 2022

CANGUÇU, Vieira, Talwane - **CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Disponível em > https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14457/1/2015_TalwaneVieiraCangucu_tcc.pdf. Acesso em 14 nov. 2022

COMISSÃO PARA A IGUALDADE E PARA OS DIREITOS DAS MULHERES. (1999) Agenda Global 3: A abordagem integrada da igualdade de gênero “mainstreaming”. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

DALMAGRO, Burtet, Neli - **Educação e Diversidade: a Multiplicidade de Infâncias no Brasil**. Disponível em > http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_ped_pdp_neli_burtet_dalmagro.pdf. Acesso em 14 nov. 2022

FREIRE, Paulo - **A Educação na Cidade – Acervo Paulo Freire**. Disponível em > <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/4393> . Acesso em 14 nov. 2022

FREIRE, Paulo - **Política e Educação.** Disponível em > http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educacao.pdf. Acesso em 14 nov. 2022

GIROUX, Henry - **A Disneyzação da Cultura Infantil.** In: SILVA, Tomas Tadeu; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LOURO, Lopes, Guaciara: **Gênero, Sexualidade e Educação** – 6ª Edição – Editora Vozes. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>. Acesso em 14 nov. 2022

MARCHÃO, G. Jesus de Amélia; BENTO, F. Isabel Alexandra: **Promoção da igualdade de gênero – um estudo em contexto de educação pré-escolar.** Disponível em > https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4117/1/Amelia%20March%c3%a3o_Alexandra%20Bento.pdf . Acesso em 14 nov. 2022

Maximo-Esteves, L. (2008). **Visão Panorâmica da Investigação-Ação.** Porto: Porto Editora. Disponível em > <https://www.portoeditora.pt/produtos/ficha/visao-panoramica-da-investigacao-accao/196345> . Acesso em 14 nov. 2022

NAÇÕES UNIDAS; Brasil – Disponível em > <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em 14 nov. 2022

RIO + 20 – CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Disponível em > http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html. Acesso em 14 nov 2022

ROHDEN, Fabíola; BARRETO, Andreia; ARAUJO, Leila; PADILHA Heloisa; MOUTINHO, Laura; AUAD, Daniela; BRANDÃO, Elaine; ALTMANN, Helena; SÍVORI, Horacio; MAYER.S, Isabel; ARRUTI.M, José; SIMÕES, Julio; LIMA, Marcia; HEILBORN.L, Maria; THOMAZ.R, OMAR; MONTEIRO, SIMONE - **Gênero e Diversidade na Escola Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais (DGE.** Disponível em > https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf. Acesso em 14 nov. 2022

SAMPAIO, O.C, Maria; WILHEIM, Maria Ana; - **CRECHE Urgente.1. Criança compromisso social. Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF) e Conselho Nacional dos direitos da Mulher (CNDM). Brasília, 1987.**

WALLON, H - Les milieux, les groupes et la psychogenèse de l'enfant. Enfance, Paris, (3-4): 287-296, mai-oct., 1959. Disponível em > https://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1959_num_12_3_1444. Acesso em 14 nov. 2022